



ESTUDO DA VIOLÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹¹

RODRIGUES, Haryene Laíza Alves²
FILHO, Armando Marino³

RESUMO

Um dos principais problemas encontrados dentro das salas de aula, na atualidade, é a violência. A partir desse fato, o presente estudo desenvolve a revisão bibliográfica e a discussão das formas de violência presentes na educação infantil, bem como analisa as possibilidades de enfrentamento desta problemática, a fim de compreender suas formas de manifestação na primeira infância e como comportamentos violentos servem de alerta para professores e familiares, no que tange a violência sofrida pela criança, dentro e fora do ambiente escolar. Além disso, propõe-se a reflexão a respeito da função da escola enquanto integrante da rede de proteção da criança e sua responsabilidade na identificação e notificação dos casos de violência contra a criança. Isso, por vezes, relaciona-se à importância de a escola adotar uma postura vigilante em relação aos seus alunos, tratando cada caso de maneira individual de acordo com sua gravidade, propondo ações preventivas e educativas que assegurem o bem-estar de cada aluno.

Palavras-chave: Violência, agressividade, criança, escola.

1. INTRODUÇÃO

Durante minha graduação, desenvolvi estágio remunerado em uma instituição privada de educação infantil, onde presenciei, por diversas vezes, o tema da violência, da agressividade e da indisciplina. Tal contexto, com ênfase no desenvolvimento dos infantes, assumia, com frequência, centro das reflexões pedagógicas. Com isso, os diversos sujeitos envolvidos no âmbito escolar presenciavam formas de violência prejudiciais à prática pedagógica.

Partindo do local para o global, a grande dificuldade do professor é lidar com as diversas formas de violência encontradas dentro da sala de aula e, ainda, cumprir

¹ Artigo apresentado ao Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, campus de Três Lagoas, como exigência para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

² Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, campus de Três Lagoas.

³ Docente Orientador do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, campus de Três Lagoas. Doutor.

seu papel enquanto educador. Assim, além de ensinar, o professor deve estar atendo aos sinais emitidos pelos alunos, contribuindo com a proteção e desenvolvimento da criança. Isso posto que a educação abrange um papel social, o qual inclui preparar o aprendiz para o desenvolvimento das práticas relativas à interação.

Nesse sentido, o grande desafio das instituições voltadas ao ensino pedagógico das crianças está concentrado na dificuldade de criar, pedagogicamente, situações que possibilitem o desenvolvimento de inter-relações sociais. Dessarte, é preciso cultivar-se a prática do respeito à disciplina e aos limites sociais perante seus desejos e impulsos (VIGOTSKY, 2007).

Outrossim, a indisciplina e atos violentos praticados por alunos podem ser reflexos do que a criança vivenciando no ceio familiar. Dessa maneira, o comportamento agressivo, indisciplinado ou, até mesmo, violento dos alunos deve ser observado com cautela pelos professores e demais funcionários da escola, visto que pode ser um sinal da violência vivenciada pela criança fora do ambiente escolar (WEIL, 1984). A escola surge, diante disso, como instrumento social da garantia dos direitos assegurados às crianças.

Desse modo, o professor deve atentar-se aos sinais emitidos pelo aluno, contribuindo para a proteção e desenvolvimento da criança no âmbito escolar. Por isso, é preciso identificar e compreender as causas do comportamento violento do aluno e buscar soluções em conjunto com a família, escola e sociedade em geral, que possam contribuir com a segurança dentro da sala de aula, bem como a proteção e desenvolvimento de cada criança.

Neste ponto, conhecer os alunos é essencial para compreender o ambiente no qual os mesmos estão inseridos, para então, após uma análise concreta do caso, promover ações integradas para infância, capazes de reforçar e garantir os direitos da criança (SARMENTO, 2001).

Por fim, este estudo tem como objetivo revisar a bibliografia e discutir as formas de violência na educação infantil e as possibilidades de trabalho com esta questão, pretendendo compreender suas formas de manifestação na primeira infância e se tal comportamento pode servir de alerta tanto para professores, quanto para família no que tange à violência vivenciada pela criança.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA

Historicamente, autores de diversas áreas buscam analisar e compreender os fenômenos de violência que existem e existiram no mundo e o que pode provocar a manifestação destes comportamentos. A atitude violenta, principalmente entre as crianças, parte de um complexo sistema de constructo social, o qual resulta em diversas formas de violência. Ela, por sua vez, manifesta-se de forma mais severa em algumas pessoas.

O entendimento acerca da violência ainda está atrelado à sociedade contemporânea e a comportamentos, ainda que no campo das ideias, contrários à civilização e a humanidade (ABRAMOVAY, 2006). Segundo Abramovay, a maior parte da sociedade acredita que, quando falamos sobre violência, estamos sempre nos referindo ao ato de ferir o outro de forma física ou verbal. No entanto, o conceito de violência pode ser variado de acordo com a vida de cada indivíduo, cujos contornos podem ser estabelecidos de acordo com a tradição cultural da sociedade em que o sujeito está inserido (ASSIS, 2010).

Sendo assim, cada indivíduo terá uma forma diferente de conceituar a violência, posto que esta é uma construção social. Assim, as crianças de classe social têm contato com violência física pelas mídias sociais, o que resulta em uma concepção diferente sobre isso. Contrariamente, as crianças de classe social vulnerável podem conviver diariamente com diversas formas de violência.

A perspectiva do que é violência pode ser modificada de acordo com meio social e familiar em que o indivíduo está inserido. Segundo (ASSIS, 2010), a violência é um fator intrínseco a natureza humana, que conta com o uso da força, poder e privilégios para provocar danos a terceiros. Ainda, de acordo com o citado estudioso, a violência abrange todas as “classes e movimentos sociais”, embora algumas formas de violência sejam mais comuns entre a população mais pobre. Por outro lado, outras formas de violência estão presentes comumente em classes sociais mais abastadas.

A violência também pode estar ligada ao fator psicológico, porém deve haver cautela ao diagnosticar crianças ou adolescentes com transtornos psicológicos. É muito comum que crianças agitadas, agressivas ou com dificuldades de lidar com os limites impostos pelas regras escolares ou familiares sejam consideradas violentas,

ou detentoras de algum problema psicológico, porém este diagnóstico, em regra, vem de forma prematura, sem a devida avaliação. (ASSIS, 2010).

No mais, agressividade é um comportamento emocional ligado à natureza humana, portanto é algo orgânico e saudável. De forma contrária, a violência é considerada um desequilíbrio, que gera um ambiente doentio, interior e exterior, provocando danos ao seu agente, bem como à sua vítima.

Segundo Santos, a violência é a agressão destrutiva. Já a agressividade é um componente da ação humana importante para o desenvolvimento infantil, porém pode-se manifestar de forma violenta e voltada à destruição do outro:

A etimologia da palavra agressão é *ad gradior* = mover-se para adiante assim como regressão indica o movimento para trás. A violência (*vis, bia, hybris, dynamis*) é a agressão destrutiva que busca aniquilar, desintegrar. Nem toda agressividade é violência, mas toda violência é, sim, agressividade (SANTOS, 2002, p.189).

Neste sentido, existem autores que estudam o comportamento humano e sustentam a teoria de que algumas pessoas são mais propensas a desenvolver um comportamento violento. Nessa perspectiva, as teorias modernas não consideram apenas os fatores biológicos, embora entendam que certas características biológicas aumentam a probabilidade de o indivíduo desenvolver um comportamento violento se exposto a um determinado ambiente social (WHITEHEAD, 2012).

Desse modo, constata-se que a violência pode-se manifestar em todas as classes sociais, independente de idade, contudo, da mesma forma que a violência pode ser uma manifestação de qualquer pessoa, existem formas de identificar e controlar esses impulsos violentos, com o fito de que não se causem danos ao autor ou a terceiros.

3. CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM SALA DE AULA

Como citado anteriormente, entende-se a violência como um “fator humano e social” (ASSIS, 2010, p.59), uma vez que que a violência está dentro de cada ser humano. Dessa maneira, pode-se compreender que a violência está agregada em cada um de nós como seres humanos, o que não difere em crianças.

Não obstante, a violência encontrada dentro das salas de aula está longe de ser apenas entre alunos. Em muitos casos, comportamentos violentos partem de

professores ou outros funcionários da escola, tendo as crianças como alvo. Segundo Assis (2010), os professores frequentemente realizam a violência psicológica contra a criança em forma de castigos e intimidação, vejamos alguns exemplos:

- Mandar para coordenação ou para direção;
- Chamar os pais para conversar;
- Deixar sem recreio e retardar a saída;
- Mandar o aluno sentar na cadeira do “bobo”;
- Colocá-lo de frente para a sala, em pé ou com o rosto para o quadro;
- Conotações humilhantes;
- Comentários pejorativos.

Em meu período de estágio em escola infantil, presenciei, por diversas vezes, o autoritarismo dos professores e demais funcionários contra os alunos. Esses eram obrigados a comerem afastadas do grupo ou dentro da sala de aula, eram mandados à direção para serem “assustados”. Além das restrições e castigos, as crianças ainda eram chamadas de chatas, mimadas, malvadas entre outras palavras pejorativas e humilhantes.

Ademais, apesar de pouco frequente, os professores também podem exercer sobre o aluno a violência física, especialmente com crianças menores e que não conseguem se defender. Segundo Assis (2010), podemos presenciar, nas escolas, ações como empurrões, tapas, puxões de cabelo, uso da régua como instrumento de agressão, emprego da força física para obrigar o aluno a se sentar.

Ainda, segundo Assis, (2010, p.87), “o uso de violência, seja física ou psicológica, constrói na sala de aula um ambiente pouco propício à aprendizagem”. Diante disso, é provável que o aluno não se desenvolva como é esperado para cada etapa do currículo.

O professor, por seu turno, tem a função de instigar, provocar, desafiar o aluno a contribuir e a desenvolver a capacidade de raciocínio e posicionamento. Para isso, o docente precisa estar capacitado para construir um ambiente propício para o aprendizado, levando o aluno a fazer uma análise crítica das diversas situações, alcançando autonomia e liberdade para se expressar (MORAN, 2011).

O ambiente da sala de aula implica diretamente no aprendizado do aluno. Devido a isso, a criança não conseguirá se desenvolver plenamente em um ambiente hostil, com violência, seja ela física ou emocional. Logo, a violência surge como um empecilho para aprendizagem.

Em relação à violência entre as próprias crianças, é muito comum, na faixa etária entre dois e três anos – quando ainda não se desenvolveu completamente a fala – a criança costuma reivindicar a satisfação imediata de seus desejos, por meio de um comportamento agressivo ou, até mesmo, violento, gritando, empurrando, beliscando. Esse tipo de comportamento, em alguns casos, é reproduzido no contexto escolar, principalmente enquanto reprodução social.

Segundo Vygotsky (2007), a tendência de uma criança entre dois e três anos é buscar satisfazer os seus desejos de maneira imediata, o desejo não pode ser adiado para o dia seguinte ou para outra semana. Dessa maneira, por muitas vezes, as crianças pensam apenas em satisfazer os seus próprios desejos, sem pensar nas consequências aos colegas, praticando atos de violência como meio para se conseguir o fim desejado (VYGOTSKY, 2007).

Por outro lado, certo nível de agressividade é inevitável em todos os seres humanos, entretanto essa agressividade pode se manifestar de forma diferente em cada indivíduo, seja ela nociva (violenta) ou não. Segundo Winnicott (1994), as aparências podem variar, ainda que existam características comuns aos problemas humanos, mas cada criança irá lidar com esses problemas de maneira diferente. Algumas irão pender para o lado da agressividade, enquanto outras irão lidar com a situação de maneira hábil, sem manifestar qualquer sintoma de agressividade, embora seja afligida por emoções análogas. Ou seja, a juventude apresenta condutas distintas, dado que cada sujeito lida de forma diferente com os próprios sentimentos.

É comum, em alguns momentos, a criança bater o brinquedo com um pouco mais de força, jogar algo longe ou puxar os cabelos de pessoas que estejam próximas. Essas reações não necessariamente sinalizam um comportamento violento, sendo apenas uma forma da criança explorar o mundo e testar como as coisas funcionam ao seu redor. No entanto, reiteradas atitudes agressivas podem, muitas vezes, servir como um alerta para o ambiente familiar vivenciado pela criança.

Apesar dos professores sofrerem violência física com muita frequência dentro da sala de aula, no sentido de violência do aluno contra o professor, a indisciplina é a forma mais comum de violência vivenciada na sala de aula. A mesma possui diferentes motivos e as causas mais comuns são os problemas familiares e a falta de integração escolar e social. Por muitas vezes, as ações de indisciplina e atos violentos praticados por alunos são reflexos do que a criança está sentindo ou vivenciando em casa. Desse modo, esses atos são um sinal de alerta para os professores e funcionários da escola, uma vez que:

O comportamento das crianças no ambiente escolar e em casa é, na verdade, uma reação às atitudes de seus pais. Foi constatado que a maioria dos problemas de comportamento, como ausência de atenção e agressividade, é reflexo da conduta dos pais. Uma criança, por exemplo, que não consegue, em sala de aula, ficar parada em momento nenhum, mostrando-se sempre nervosa, brigona, agressiva com os colegas, sempre mal arrumada, cadernos rasgados, pode ser que uma das causas para tudo isso seja um relação conflituosa com a família ou a relação, também conflituosa, entre os pais, os quais brigam o tempo todo na frente dos filhos e acabam descontando na criança, com desprezo ou indiferença, com agressões físicas ou verbais. Este fenômeno, tão comum, leva a criança a pedir ajuda, demonstrando isso de várias maneiras, inclusive chamando a atenção para si, no ambiente escolar. (WEIL, 1984, p. 47).

Sendo assim, já que a escola integra a rede de proteção da criança, ela tem a responsabilidade de identificar e notificar os casos de violência contra a criança, mantendo uma postura vigilante em relação aos seus alunos. Além disso, deve-se tratar cada caso de maneira individual de acordo com sua gravidade, propondo ações preventivas e educativas que assegurem o bem estar de cada aluno (DIAS, 2002).

Ademais, a escola precisa do apoio imprescindível da família no acompanhamento da vida escolar dos alunos. A parceria entre a escola e a família tem efeitos que vão muito além do rendimento escolar da criança. Isso porque o estudante que tem sua rotina escolar acompanhada pelos pais ou responsáveis, em geral, tem melhor rendimento, além da facilidade para desenvolver suas competências socioemocionais e autonomia (ZAGURY, 2006).

De acordo com Tiba (1996, p.166) “a educação cabe aos pais e à escola”. Isso porque a família e escola devem trabalhar em conjunto para o desenvolvimento completo do aluno. Assim, por um lado, os responsáveis devem estar atentos às dificuldades escolares de suas crianças. Por outro lado, a escola deve conhecer as

dificuldades domésticas dos alunos e manter uma postura vigilante para identificar qualquer tipo de violência que o aluno esteja sofrendo.

Nessa óptica, o professor deve estar atento aos sinais emitidos pelo aluno, contribuindo para a proteção e desenvolvimento da criança no âmbito escolar, buscando estratégias para identificar e compreender as causas do comportamento violento do aluno, para buscar soluções conjuntas com a família e escola, que contribuam para garantir a segurança dentro da sala de aula, bem como a proteção e desenvolvimento de cada criança.

4. PROPOSTAS PARA UMA MELHOR ATUAÇÃO DA ESCOLA NO COMBATE A VIOLÊNCIA.

A escola é essencial na educação da criança contemporânea, por meio dela o indivíduo tem acesso ao conhecimento, bem como a possibilidade de desenvolver suas habilidades. Ademais, a escola dispõe de um ambiente propício para desenvolver ações educativas, que poderá gerar impacto no comportamento das crianças e de seus familiares, possibilitando uma alteração de hábitos, que gerará impactos positivos na formação da criança, assim como na sociedade em que está inserida.

Sobre isso, a Constituição Federal assegura com absoluta prioridade a proteção e o direito da criança à educação, conforme descrito no artigo 227, da CF/88:

É dever da família, da sociedade e do Estado **assegurar à criança**, ao adolescente e ao jovem, **com absoluta prioridade**, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à **educação**, ao lazer, à profissionalização, à cultura, **à dignidade, ao respeito**, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.” (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010), **grifo nosso**.

Nesse cenário, a escola tem um papel fundamental na formação do indivíduo, devendo, em conjunto, com a família e com a sociedade, buscar estratégias para combater todos os tipos de violência no ambiente escolar, visando a promover um ambiente acolhedor para as crianças, permeado pela dignidade e pela segurança de todos os agentes envolvidos no processo educacional.

Ademais, é necessário conhecer a criança, visto que por meio dela é possível conhecer a sociedade na qual a mesma está inserida, bem como suas contradições e complexidades, para então, a partir desse conhecimento promover ações integradas para infância, capazes de reforçar e garantir os direitos e a cidadania da criança (SARMENTO, 2001).

Deste modo, cabe ao professor buscar meios e estratégia para exercer o seu ofício, contribuindo com a função social da escola, ciente de que sua função vai além de transmitir o conhecimento. Com isso, cabe ao docente também contribuir no desenvolvimento do aluno de forma integral, combatendo e repudiando qualquer forma de violência:

O professor deve ensinar a condição humana, individual e coletiva. Eis aqui um desafio para todos os professores, comprometidos com o “agir pedagógico” que privilegie, interventivamente, o vínculo pessoal saudável, a tolerância, a capacidade de cuidar do outro e se deixar ser cuidado. Esta é uma tarefa qual devemos disseminar em nossas reflexões sobre as ações que permeiam nossas práticas educativas: a pessoa do professor enquanto profissional do desenvolvimento de “corações e mentes” (KOEHLER, 2003, p. 11).

Ainda nesse sentido, devemos lembrar que o oposto da violência não é a ‘não violência’, mas é a inclusão da cidadania e sua vivência plena. No mais, a superação da violência escolar depende de ‘todos os atores’ que atuam no ambiente escolar (ASSIS, 2010). Com isso, a gestão escolar deve contar com toda a comunidade, o que envolve docentes, alunos, família e a sociedade em geral, devendo existir práticas administrativas compartilhadas, que contribuam para o desenvolvimento do aluno (SPÓSITO, 2000).

Cientes de suas competências, devem os envolvidos buscar em conjunto, formas de identificar e combater a violência que permeiam o cotidiano das salas de aula, para fins de proporcionar as crianças um ambiente seguro e acolhedor, onde ela tenha liberdade para se desenvolver e adquirir conhecimento. Nesse sentido, propõem-se as seguintes estratégias para o combate à violência dentro da sala de aula:

- Mudança prática pedagógica adotada pelo professor;
- Incentivo ao diálogo com os alunos;
- Valorização dos laços de amizade e solidariedade;

- Promover ações que fortaleçam o vínculo entre família e escola.

Além do mais, a parceria entre a escola e a família deve estar presente em todas as atividades que envolvem o aluno. Porém, além do aluno, a escola deve também exercer sua função educativa junto à família, para que ambas possam proporcionar às crianças um bom desempenho escolar e social (PIAGET, 2007).

Por fim, de acordo com (ABRAMOVAY, 2009), temos que considerar todo ambiente escolar e desconstruir a ideia de que os alunos serão bons ou ruins de acordo com a sua origem. A escola não recebe pessoas boas ou ruins, cabe a ela lapidar seus estudantes por meio da educação, formando não só bons alunos, mas também bons cidadãos que irão contribuir para sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo identificou, através da revisão bibliográfica, que o ambiente escolar é muito afetado por atos de violência, tanto por parte dos alunos quanto dos professores e que diferente da crença popular os atos de violência abrangem tanto as escolas da periferia como as escolas privadas. Nesse ponto, os tipos de violência praticados variam de acordo com o contexto social vivido pela criança.

Desse modo, a escola contemporânea deve buscar estratégias para receber e acolher seus alunos, buscando parceria com a família e com a sociedade em geral, com o intuito de combater a violência não só em ambiente escolar, como também na sociedade. Isso, por meio do acolhimento, ensino, disciplinar, isonomia e empatia, estando a escola apta para entender e identificar as causas da violência e propor soluções que vão além dos muros da escola.

No mais, considerando o papel determinante da escola na formação do aluno enquanto cidadão, ela deve assumir o seu protagonismo no processo de formação da criança, devendo passar saberes que vão além do conteúdo didático. Essa abordagem integrada e ampla contribuiria para crescimento da criança, tornando-a capaz de se relacionar com o outro, respeitando a disciplina e os limites impostos na sociedade que está inserida.

Cabe salientar que a melhor maneira de combater a violência dentro da sala de aula é reforçar o vínculo família e escola, trazendo cada vez mais as famílias

para dentro do ambiente escolar, já que, com apenas um olhar minucioso, o professor poderá perceber os verdadeiros motivos dos atos de violência do aluno. Dessa maneira, é possível encontrar a melhor proposta para acolher este aluno e combater as causas da violência.

Ainda, cabe ressaltar que a escola integra a rede de proteção da criança, sendo uma agente imprescindível na formação e na proteção de seus alunos. Para tanto, a escola deve buscar estratégias e capacitar os seus profissionais, especialmente os professores, criando um ambiente livre de violência. Essas ações, por seu turno, colaborariam para promoção do aprendizado e da proteção e do acolhimento das crianças.

O professor, por sua vez, diante do cenário atual da educação, deve estar capacitado para lidar com as diversas formas de violência encontradas dentro da sala de aula e ainda cumprir seu papel enquanto educador, visto que é uma peça fundamental na educação e na formação da criança. Além disso, deve ser um agente decisivo no combate à violência contra a criança, dentro e fora da sala de aula.

Por fim, compreende-se que é preciso preparar a escola, bem como as famílias para lidar com os tipos de agressividade que se manifesta na infância, para que estes estejam capacitados a identificar a agressividade nociva, quer seja a violência, para fins de combatê-la e contribuir para a boa formação do aluno. Com isso, a escola possibilita que o estudante alcance não só uma boa formação curricular, mas também consciência cidadã, a qual contribuirá para formação de uma sociedade justa, igualitária e livre da violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes. ***Impactos da Violência na Escola***: um diálogo com professores. Editora FIOCRUZ, 2010.

ABRAMOVAY, Miriam. ***Cotidiano das escolas***: entre violências. Edição publicada pela Representação da UNESCO no Brasil, Brasília, 2006.

BRASIL. ***Constituição da República Federativa do Brasil***. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

DIAS, Gilka da Mata (coord.). ***Manual da Cidadania Para Educadores***. Natal/RN. AMPERN. 2002.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. ***Violência psicológica***: um estudo do fenômeno na relação professor-aluno. 2003. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em <https://docplayer.com.br/7650257-Violencia-psicologica-um-estudo-do-fenomeno-na-relacao-professor-aluno.html>, acessado em 01.11.2021.

MORAN, José Manoel. ***Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica***. 12º ed.. Papyrus. Campinas São Paulo. 2011.

PIAGET, Jean. ***Para onde vai à educação?***. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

SANTOS, M. C. C. L. Raízes da violência na criança e danos psíquicos. In: WESTPHAL, Maria Faria (Org.). ***Violência e Criança***. São Paulo: Edusp, 2002.

SARMENTO, Manuel. Infância, exclusão social e educação para a cidadania ativa. In: Revista Movimento, Porto Alegre: UFRS, 2001.

SPÓSITO, M. P. Educação, gestão democrática e participação popular. In: BASTOS, João Baptista (org). **Gestão democrática**. Rio de Janeiro: DP&/SEPE, 2000.

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEIL, P. G. **A Criança, o lar e a escola** – guia prático de relações humanas e psicológicas para pais e professores. Petrópolis: Vozes, 1984.

WHITEHEAD, John T.; LAB, Steven P. **Juvenile Justice: an introduction**. 7ª edição. Routledge, 2012.

WINNICOTT, D. W. Raízes da agressão em privação e delinquência. In: WINNICOTT, D.W. **Agressão e suas raízes**. 2 ed. Rio de Janeiro. Martins Fontes, 1994.

ZAGURY, Tânia. **O professor refém**: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. Rio de Janeiro, Record, 2006.